# Simpsons versus Banksy. Arte e crítica invadem o desenho animado.[1]

Elisa Fonseca QUARESMA[2]
Newton Souza CORREA[3]
Laís Cardoso da SILVA[4]
Luciano Castro de JESUS[5]
Otacílio Amaral FILHO[6]

**Resumo**
O presente artigo tem por objetivo analisar a natureza estética dos novos formatos de obras de arte, especificamente do desenho animado, que passa a ser atravessado por uma conduta crítica e subversiva dentro do espaço midiático, característica das artes urbanas, a exemplo do grafite. Constata-se que na contemporaneidade os conceitos e valores que antes norteavam o campo da estética, hoje são postos em debate. Partindo disso, utilizaremos como objeto o vídeo de abertura do 3º episódio da 22ª temporada do seriado Os Simpsons, o qual foi produzido em parceria com o polêmico artista urbano Banksy, buscando estudar a legitimidade dessa produção enquanto obra de arte.

**Palavras-chave:** Comunicação; estética; desenho animado; arte urbana.

## Introdução

Vivemos em um tempo incerto. Um momento marcado pela constante presença do novo que nos causa, simultaneamente, deslumbre e assombro. Um termo muito discutido por inúmeros estudiosos, a contemporaneidade se apresenta à sociedade, e à academia, como processo ainda em curso. Quando nem mesmo chegamos a conclusão do que seria a modernidade, já sentimos os efeitos da pós-modernidade: palco de grandes rupturas nas instituições e narrativas tradicionais, nas relações sociais, no tempo e até mesmo no espaço.

A questão estética se desenrola neste cenário. Na pós-modernidade, o campo da arte sofre inúmeras rupturas; o conceito de arte, segundo Rancière (2002) acaba se tornando um "tipo de status metamórfico. As obras de arte do passado podem adormecer e parar de

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Estudante de Graduação 5º Semestre do curso Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da UFPA. Email: elisafonsecaq@yahoo.com.br

[3] Estudante de Graduação 5º Semestre do curso Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da UFPA. Email: newtonscorrea@gmail.com

[4] Estudante de Graduação 5º Semestre do curso Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da UFPA. Email: lais_cardoso64@yahoo.com

[5] Estudante de Graduação 5º Semestre do curso Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da UFPA. Email: castrodejesus.luciano@gmail.com

[6] Orientador do trabalho. Doutor e Docente do Curso de Comunicação social da UFPA. Email: otacílio@ufpa.br

ser arte, podem ser despertadas e adquirir uma nova vida de maneiras variadas". (Ibid. p.17). A concepção clássica de arte não se sustenta nos dias atuais. O poder dos críticos de decidir o que é ou não uma obra legítima perde força em detrimento da "voz" coletiva da sociedade. Cada vez mais os indivíduos reclamam o direito de fazer arte ou de usá-la em serviço dos próprios interesses. Passamos por uma revolução estética, tal como escreve Rancìere, onde arte, política e sociedade se intercruzam. Para ele, "a revolução humana é derivada do paradigma estético" (Ibid. p, 8). Na era dos *mass media*, a arte migra dos grandes salões e museus para a vida cotidiana, invade a televisão, o rádio, a internet e as ruas.

O *street art*, ou arte urbana, é um exemplo disso. Rompendo com a ideia de uma arte estritamente contemplativa, a arte urbana, a exemplo do grafite, contesta e põe os debates da sociedade em questão. Para Pallamin, a arte urbana:

> São processos de estetização contemporâneos, sintetizando uma reflexão sobre práticas artísticas e suas relações com as transformações qualitativas dos espaços públicos. A arte urbana é enfocada enquanto um modo de construção social dos espaços públicos, expondo e mediando suas conflitantes relações sociais. Mútua influência entre a arte e o urbano. (PALLAMIN, 2000, p.11)

No caso do grafite, a discussão a respeito da sua autenticidade artística ainda não está encerrada. Visto, ora como entretenimento ora como vandalismo, foi somente na década de 60 que o grafite passou a ser popularizado em importantes cidades, a exemplo de Nova York e Londres.

Nesse artigo procuramos debater a natureza estética das artes urbanas - enquanto expressões artísticas – presente no desenho animado, utilizando como objeto de análise o vídeo de abertura do terceiro episódio da 22ª temporada do seriado americano Os Simpsons, cuja produção é assinada pelo artista urbano Banksy.

Nos estudos de Rancìere, em A revolução estética e seus resultados (2002), encontra-se a definição do "Sensível heterogêneo" (2002, p.15), segundo o qual, para uma obra ser considerada arte é preciso dizer mais do mundo e da vida do que sua "aparência, seu formato e sua superfície" possam sugerir. Ou seja, segundo o filósofo, para um objeto ser considerado arte ele precisa contar uma história, fazer referência a outro mundo, ainda desconhecido, que poderá ser descoberto através do *sensorium*, ou melhor, da experiência estética. A partir disso, levando em consideração o caráter crítico defendido pela série Os Simpsons e o posicionamento crítico-satírico notado no vídeo de abertura assinado por

Banksy, analisamos e respondemos os seguintes questionamentos: **a)** Levando em consideração o vídeo de abertura assinado por Banksy para Os Simpsons e o estilo satírico notado na série, podemos considerar o desenho animado uma obra de arte? **b)** De que forma o caráter crítico, fortemente defendido pelos movimentos artísticos pós-modernos, podem ser notados no vídeo de abertura do terceiro episódio da 22ª temporada de Os Simpsons?

**Banksy: Arte e crítica invadem as ruas.**

É importante apontar que as obras de Banksy, especificamente os grafites, possuem uma marca forte e irreverente, essência formada por um profundo teor crítico e estético. Questionador do sistema e do modo de vida da sociedade ocidental, Banksy nunca vendeu a sua imagem. Foi dessa maneira, anônimo e liberto, que o nome do artista ficou mundialmente famoso. A preservação da sua identidade se dá pela não celebração da imagem, pelo não julgamento do artista, mas sim da sua arte. O anonimato de Banksy o permite cometer "crimes" em nome da arte e favorece o seu questionamento provocativo. Por conta disso, Banksy foi procurado durante anos pela justiça, como vândalo, e até mesmo alcunhado de criminoso.

> É servindo-se deste tipo de anonimato provocativo - alheio à norma, à prisão da identidade localizável, do sujeito identificado e fichado - em complemento a uma postura artística e estética por si só combativa e política (...) que Banksy criou uma marca inconfundível pelos muros britânicos durante a última década, utilizando-se da arte marginal e "mundana" que é o grafite (...) para incutir na cidade seus traços, seu rastro, em uma ação que remete aos primórdios da humanidade e sua necessidade em registrar, expressar e comunicar; descrevendo uma trajetória que vai das profundezas das cavernas à colorida efervescência de nossas metrópoles super povoadas. (DIÓGENES, 2011, p.5).

Mas embora a identidade do artista seja oculta, suas obras continuam estampando "prédios, muros, fachadas, calçadas e paisagens da vida urbana cotidiana, oferecendo-se de bom grado a qualquer passante, insinuando-se ao olhar de qualquer transeunte, provocando os sentidos e instigando o pensamento" (Ibid. p.6).

O legado de Banksy é marcado pela constante oposição aos padrões legitimados da sociedade ocidental, principalmente no campo artístico. A opressão da arte erudita sobre a chamada "arte marginalizada" restringe qualquer tipo de expressão artística não legitimada. Em uma sociedade onde o sistema da arte é pautado pelo sistema de produção da arte como capital, ou por conceitos fechados e por museus exclusivos a determinados públicos,

Banksy leva suas obras, e seus pensamentos, à rua, onde cada um pode interagir e tirar suas próprias conclusões.

Banksy popularizou a técnica do estêncil[7], que consiste num recorte em papel ou outro material formando desenhos, números e dentre outras formas pensadas pelo artista. Quando Banksy começou a usar o estêncil, esta técnica ainda era bem incomum. O estêncil permite rapidez e uma grande propagação de um único desenho. Ver Figura 1.

**Figura 1**

Banksy foi protagonista de eventos épicos, como quando expôs suas obras em museus sem prévia autorização ou quando grafitou no Muro da Cisjordânia (2005) causando polêmica por conta dos conflitos que lá acontecem. Em 2006, instalou na Disneylândia um boneco representando os prisioneiros torturados na prisão de Guantánamo, Estados Unidos. Banksy também dirigiu o documentário *Exit through the gift shop - Saída pela loja de presentes*, em português - (2010), narrando parte da história das artes urbanas, tendo Thierry Guetta, um *videomaker* francês que vive em Los Angeles, como referência para a realização do documentário.

Em Outubro de 2010, Banksy é convidado pela 20th Century Fox para participar da produção de animação do terceiro episódio da 22ª temporada do seriado Os Simpsons. A parceria chamou a atenção da audiência mundial. Ao passo que Banksy questiona a estrutura social do ocidente através da arte urbana, especificamente através do grafite e do estêncil, o seriado Os Simpsons o faz através do desenho animado. Embora não legitimada, reconhecemos, enquanto espectadores, o caráter artístico da obra de Banksy. Todavia, nota-

[7] O estêncil é uma das formas mais antigas de impressão. Era comumente utilizado no Egito durante o tempo das pirâmides e na China, quando a Grande Muralha foi construída. [...] Após a Revolução Russa, Ivan Maliutin criou ao menos uma dúzia de pôsteres políticos, no início dos anos de 1920, para o departamento de educação política soviético, usando estênceis e guache. Ao mesmo tempo, Vladimir Mayakovsky estava produzindo pôsteres similares com estênceis para a ROSTA, a agência telegráfica soviética. Os textos e imagens, claros e simplificados, eram impressos sob a forma de pôsteres utilizando-se matrizes, e usados para levar notícias a uma população em grande parte iletrada. (MACPHEE, 2004. Apud. DIÓGENES, 2011, p.11).

se a resistência dos espectadores e dos críticos em considerar o desenho animado, enquanto produto da indústria do entretenimento, uma arte.

**Os Simpsons: Entretenimento e crítica invadem a televisão.**

Os Simpsons é uma série cômica de desenho animado norte-americana criada por Matt Groening[8] para a Fox Broadcasting Company, emissora de televisão com sede nos Estados Unidos. Foi ao ar pela primeira vez em 1989 e já está em sua 25ª temporada, sendo considerada pelos críticos televisivos como uma das séries de maior duração da televisão estadunidense. A série se passa na cidade fictícia de *Springfield* e mostra o cotidiano dos moradores que lá residem. A história gira em torno da família Simpson, formada por Homer Jay Simpson, mais conhecido por Homer, é o chefe da família, casado com Marjorie Bouvier Simpson, a Marge. O casal tem três filhos: Bartholomew Simpson, o Bart, o filho mais levado e preguiçoso; Elisabeth Marie Simpson, mais conhecida por Lisa, a inteligente e artista da família, e Margareth Simpson, a Maggie, a filha caçula.

Muito conhecida por seu conteúdo satírico, a série Os Simpsons surge na televisão norte americana, e logo em seguida no mundo, como um programa de entretenimento voltado à crítica do estilo de vida da sociedade ocidental chegando a fazer menções, às vezes de forma direta, à cultura americana. Para Chantal Herskovic, autor do texto Chegando a Springfield: humor e sátira na série Os Simpsons (2011), "Os personagens da série estão inseridos na cultura da mídia e de forma satírica mostram a importância dada pela sociedade aos programas de televisão." Segundo esse autor:

> A série Os Simpsons inaugurou uma nova etapa para o seriado televisivo, na forma de um seriado animado de comédia de situações, tendo como foco uma audiência juvenil adulta. (...) Conhecida por ser subversiva, ao contrário de outras que a precederam, a série Os Simpsons vai além do humor espirituoso e apresenta uma crítica e sátira da sociedade ocidental. (...) Ela é capaz de citar a si mesma, sua própria indústria de entretenimento e a fórmula de comédias de situações, utilizando diversos recursos, como a paródia, a sátira, a intertextualidade e a metalinguagem. (HERSKOVIC, 2011, p.103)

[8] "Matthew Abram Groening nasceu em 15 de fevereiro de 1954 em Portland, Oregon, EUA. Conhecido mundialmente como criador e diretor executivo de Os Simpsons e Futurama, Matt sempre gostou de desenhar, começou sua carreira artística em 1978 quando suas tirinhas 'Life In Hell' foram publicadas na revista americana Wet. Seu trabalho chamou a atenção de James L. Brooks, diretor da Fox que o convidou a desenhar pequenas vinhetas para o Tracey Ullman Show. Foi a partir daí que nasceu a família Simpson, com o sucesso alcançado as aberturas de cada bloco acabaram virando o seriado Os Simpsons, que estreou na FOX em dezembro de 1989 e está no ar até hoje." (**Matt Groening.** Disponível em: <http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Matt_Groening#> Acesso em 20 de Junho, 2014).

Embora o gênero "desenho animado" seja comumente relacionado ao público infanto-juvenil e relegado à função de educar e divertir a audiência, afinal, "a influência da televisão no pensar e no agir do telespectador é proporcional ao seu envolvimento com aquilo que ela oferece, evidenciando duas condições: ingenuidade e educação" (FILHO, 2008, p.1), o seriado Os Simpsons apresenta um debate, cômico e satírico sobre/para a sociedade ocidental, questiona o modo de vida americano, aborda e ataca, nas entrelinhas, temáticas e instituições que fazem relação ao "sistema de governo norte-americano, ao sistema de saúde público e privado e às corporações telefônicas e a indústria de energia nuclear, além das artes" (HERSKOVIC, 2011, p.109)

> Através de roteiros bem desenvolvidos, a série consegue atingir diversas camadas sociais e faixas etárias, e também diferentes audiências, trazendo a superfície temas como corrupção política e violência urbana, ao mesmo tempo em que aborda assuntos como homossexualidade, os sistemas de saúde, público e privado, e o sistema de ensino deficitário. Além de fazer uma leitura mais crítica da vida em família, com seus conflitos emocionais e desavenças, (em) Os Simpsons nenhum personagem é perfeito, e uma grande parte vive como indivíduos autocentrados e alienados dos acontecimentos a sua volta. (...) Aborda assuntos cotidianos e até mesmo sequestro por alienígenas, partindo da cultura ocidental à crítica ao preconceito em suas diversas formas, da *pop art* à arte conceitual. (Ibid. p. 104).

Além das críticas direcionadas à sociedade e à cultura ocidental dominante, o seriado faz autocitações, ataca a própria indústria, criando em seus episódios metatextos através tanto da Intermidialidade quanto da Intertextualidade, "a apropriação de elementos de outras obras com o objetivo de satirizar, parodiar, ironizar ou homenagear determinados autores, gêneros e estilos" (Ibid. p.104).

A metalinguagem é uma das formas de linguagem característica dos movimentos artísticos pós-modernos, a exemplo do *pop art* e do dadaísmo, que ao mesmo tempo em que direcionavam suas críticas ao paradigma das instituições sociais tradicionais, citavam tanto a alta cultura quanto as "subculturas", como a cultura de massa e cultura de mídia. (Ibid. p.109). É neste mesmo cenário em que se encontra o desenho animado. Segundo Paul Wells:

> A animação, desde os seus primórdios, tem priorizado a "animação temporal", predominando o modo cômico, e uma forma libertadora de expressão frente à institucionalização dos principais meio de comunicação *live-action* (...) O desenho animado fez muito para sustentar o modo anárquico que recusa o discurso ortodoxo, e se abre para múltiplas estruturas através da formulação da '*gag*'. Não meramente ela define, promove e abraça a 'cultura popular', mas também subestima a arte enquanto se apropria de muitos de seus elementos gráficos e qualidades estéticas. (WELLS, 1998 apud. HERSKOVIC, 2011, p.104).

Os diretores, produtores e roteiristas da série Os Simpsons fazem parte da década de 1970, "geração marcada por uma consciência política, visão crítica da sociedade e contestadora de valores e do sistema político" (Ibid. p.105). Logo, a formação dos desenvolvedores do seriado se reflete na criação e produção dos roteiros da série que são sempre bem desenvolvidos e inteligentes, apontando diversas referências textuais, através da crítica social, da sátira, da paródia e do pastiche.

**O vídeo de abertura: arte e crítica invadem o seriado Os Simpsons.**

Debater o caráter estético do desenho animado, especificamente do seriado Os Simpsons, nos coloca diante de uma questão: o campo da estética passa por conflitos e rupturas na era pós-moderna, vários teóricos buscaram, e ainda buscam, dar uma resposta às mudanças enfrentadas pelo campo artístico na pós-modernidade. Levando em consideração o vídeo de abertura assinado por Banksy para Os Simpsons e o estilo satírico notado na série, podemos considerar o desenho animado uma obra de arte?

As revoluções pelas quais a sociedade ocidental passou nos séculos XVIII e XIX – os avanços da indústria, da urbanização, o surgimento dos grandes centros comerciais, dos meios de comunicação e da elevação dos níveis de vida com base no incentivo ao consumo de bens colocados no mercado (GOMES & CASTRO, 2007, p.3) – transformaram a vida social nas interações no espaço e no tempo. Percebemos hoje a capacidade que as mercadorias possuem de falar sobre a vida, tal como o faz as obras de artes. "Ao se tornarem obsoletos, indisponíveis para o consumo diário, qualquer mercadoria ou artigo familiar fica disponível para a arte enquanto corpo que codifica uma história" (RANCÌERE, 2002, p.18). Na sociedade de consumo[9], a espetacularização em torno das mercadorias

[9] Conceito defendido pelo sociólogo Zygmunt Bauman, cuja ideia é de que a sociedade atual vive através do consumo. Para o autor consumir é questão social, a aquisição das mercadorias está relacionada diretamente com a inclusão do

coloca os produtos consumíveis, fúteis e prosaicos[10], no lugar antes ocupado exclusivamente pelas grandes obras de arte.

Consideramos, portanto, que o desenho animado enquanto produto da indústria do entretenimento, no caso o seriado Os Simpsons, possui a capacidade de reproduzir em si mesmo as marcas da sociedade e do seu tempo, quer seja falando sobre um determinado momento da história, do mesmo modo que uma pintura e/ou escultura, ou criticando o regime social, como na obra de Banksy. Além disso, o desenho alegoriza a realidade, as imagens fictícias possibilitam a formação de um imaginário coletivo em torno da história contada, da mesma forma como acontece com a obra de arte. Alexandre filho descreve no texto Desenho animado como *habitus* estético televisual (2008), que o desenho animado é uma forma de poder simbólico, já que a sua estrutura gráfico-visual é expressa através da simbolização de um mundo imaginário (p.6).

> Ao exibir um desenho animado à criança, a TV inculca, efetivamente, um arbitrário cultural estético porque a sua narrativa já possui um enunciado ideológico, linguístico e artístico. Assim, também a televisão é competente em produzir algo semelhante ao efeito estético e passar isso ao usuário infantil de televisão, na perspectiva da ação pedagógica, como algo que se estrutura objetivamente sobre a subjetividade. Desse modo, atua, na criança, como estruturante, possível, então, de a televisão agir na recepção estética de forma sensorial e comunicacional. Todavia, essa possibilidade é realizável através do desenho animado quando a estrutura subjetiva da criança subscreve a influência simbólica. (FILHO, 2008, p.7)

Portanto, à medida que o seriado Os Simpsons questiona as estruturas da sociedade ocidental e aborda, de forma satírica, a realidade da sociedade contemporânea, podemos considerá-lo sim uma obra de arte – tal como a arte urbana representada nos trabalhos de Banksy – possuindo em si mesma a capacidade de relatar sobre o tempo atual através da narrativa midiática e a estética do desenho animado. Vejamos de que forma isso é sugerido no vídeo de abertura do 3ª episódio da 22ª segunda temporada do seriado.

A abertura padrão de Os Simpsons começa geralmente com o nome do programa (em *lettering*, escrito em inglês: *The Simpsons*) que surge em meio a nuvens. A cena corta para uma imagem aberta da cidade de Springfield – cidade onde se passa a história –

---

individuo na sociedade. “Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é aquela qualidade de mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade. Tornar-se e continuar sendo mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de preocupação do consumidor, mesmo que em geral latente e quase nunca conscientes.” (BAUMAN, 1925, p. 76).

[10] (RANCÌERE, 2002, p.17).

mostrando um enquadramento dinâmico de diversos pontos da cidade como: uma usina nuclear, casas e uma escola. Nesta última cena, podemos perceber através da janela da sala de aula Bart Simpson, que aparece escrevendo em um quadro negro alguma frase inúmeras vezes, a cena sugere que Bart esteja cumprindo algum castigo (a frase muda de acordo com o episódio). Na cena seguinte ouve-se um som, como se fosse um sinal escolar e, sem terminar o que estava fazendo, Bart vai embora da escola montado em um *skate*. Na próxima cena, Homer aparece na usina nuclear da cidade, local onde trabalha, manipulando o que parece ser uma barra de urânio; ao toque de um sinal, Homer larga o aparelho que está usando para manipular a barra e vai embora, sem perceber que a "barra de urânio" está presa na parte de trás da sua roupa. A cena corta para um supermercado onde vemos Marge Simpson lendo uma revista, enquanto o atendente do supermercado, sem prestar atenção, passa Maggie Simpson no leitor de código de barras. Maggie é posta numa sacola e Marge a procura e suspira quando a encontra. Na cena seguinte, Lisa Simpson está tocando saxofone em uma sala cheia de outras crianças, quando de repente sai tocando para fora da sala (a música tocada por Lisa também varia de acordo com o episódio). Logo em seguida, aparece a cena do Homer dirigindo o seu carro e ele percebe que a barra de urânio está presa em sua roupa, jogando-a na rua, onde Bart está andando de skate na calçada. Ele passa ziguezagueando pelas pessoas até cruzar com o carro de Marge onde Maggie brinca com um volante de brinquedo no assento de passageiros. Em seguida, é mostrado rapidamente todos os integrantes da família Simpson chegando a casa onde buscam logo sentar no sofá, como se fossem assistir televisão.

A partir da última cena, com os personagens entrando na casa para assistir a televisão, o seriado sempre apresenta um *couch gag*[11], ou seja, a cada episódio da série a cena final muda, mostrando diversas formas e estilos de os personagens sentarem no sofá. Não há um motivo específico para que a abertura do seriado ganhe sempre um *couch gag* diferente. Em alguns casos, a abertura é modificada por inteiro, ganhando novas cenas, cenários e personagens. Como no caso do episódio assinado por Banksy ou o episódio temático de *Halloween*, em que a abertura é assinada pelo cineasta Gillermo Del Toro.

Em 10 de outubro de 2010 foi transmitido pela emissora de televisão 20th Century Fox o terceiro episódio da vigésima segunda temporada da série animada "Os Simpsons"

[11] Expressão dada as alterações feitas pelos produtores do seriado Os Simpsons nas cenas finais da abertura, que geralmente sempre vêm retratando alguma referência do cinema, da música, da arte etc; ou é assinada por algum artista famoso, como no caso do episódio produzido por Banksy.

que teve a abertura dirigida pelo artista urbano Banksy. A princípio, a cena de abertura assinada pelo artista espantou os telespectadores, pois ele utilizou esse espaço para criticar a própria 20th Century Fox, acusada de financiar o trabalho exploratório na Coreia do Sul.

A metalinguagem foi o recurso utilizado por Banksy para representar como a série e seus produtos licenciados são produzidos por trabalhadores sul-coreanos em condições análogas à escravidão, além disso, no decorrer do vídeo há referências às intervenções urbanas feitas por ele mesmo como mostram as Figura 2 e a Figura 3.

**Figura 2**

**Figura 3**

Banksy deixou de lado as ruas, local típicos das suas iniciativas artísticas, para usar a televisão como meio de protesto, o que proporcionou uma extensa visibilidade do seu trabalho, algo que talvez não fosse possível na rua, assim como:

> A transmissão eletrônica de informações em imagem som propõe uma maneira diferente de inteligibilidade, sabedoria e conhecimento, como se devêssemos acordar algo adormecido em nosso cérebro para entendermos o mundo atual, não só pelo conhecimento fonético silábico das nossas línguas, mas pelas imagens sons também. (ALMEIDA, 2004, p.16).

A primeira parte do vídeo é bem semelhante à abertura padrão do seriado, salvo algumas cenas específicas, como a em que Bart está de castigo na escola e por isso precisa escrever repetidas vezes na lousa a frase: *I must not write all over walls* (em tradução livre significa "Eu não devo escrever por todas as paredes"). (Ver figura 4). Ironicamente, esta frase foi inscrita na lousa e nas próprias paredes da sala de aula, o que pode sugerir o conceito de arte pregado pelo Banksy, a apropriação de lugares atípicos para realizar suas intervenções artísticas, neste caso, as paredes e muros.

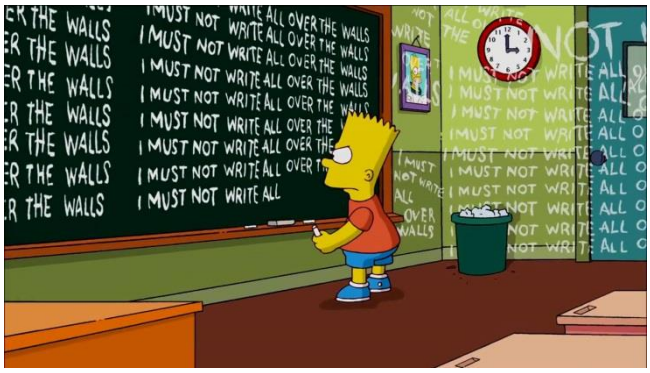


**Figura 4**

A partir dos 37 segundos do vídeo é que a crítica do artista torna-se mais nítida, a trilha sonora original do seriado é substituída por uma trilha melancólica que condiz com a atmosfera mórbida da cena, as cores vivas do cenário nas primeiras cenas também são substituídas por um cenário escuro e misterioso, até mesmo a expressão facial dos personagens no início do vídeo, que eram alegres, são trocadas por expressões tristes e sofríveis. Nota-se que é através destas pequenas disparidades que o artista ressalta as diferenças de realidades: Springfield e Coreia do Sul.

Na cena seguinte é mostrado um tipo de galpão repleto de trabalhadores, supostamente asiáticos, fazendo referência à denúncia de exploração de mão-de-obra barata na Coreia do Sul pela 20th Century Fox. Nesta cena, os trabalhadores realizam manualmente a colorização dos *frames* que compõem as cenas do seriado. A cena avança e enquadra em uma criança que leva algumas folhas, pintadas pelos trabalhadores, até um barril onde há, supostamente, produtos químicos; percebemos inclusive, uma placa alertando os telespectadores sobre o risco de poluição ambiental (ver Figura 5). A criança está sem nenhum equipamento de segurança. Neste trecho é nítida a crítica ao trabalho

infantil e à maneira incorreta com que os produtos químicos são manuseados em indústrias desse tipo. Há também ossos espalhados pelo local, assim como ratos, dando a impressão de que o ambiente não é saneado.

**Figura 5**

Aos 1 minuto e 3 segundos do vídeo, são exibidos gatos sendo inseridos em uma máquina que remove os pêlos para preencher bonecos do personagem Bart. Esses bonecos são transportados, em outra cena, por uma panda que recebe chicotada de um dos funcionários da "empresa". Outro funcionário usa a cabeça de um golfinho, que tem a língua pra fora, para lacrar caixas que possuem o selo do seriado Os Simpsons. O que nos leva a entender de que além da exploração de trabalhadores e crianças, a 20th Century Fox também estaria utilizando animais para a produção dos produtos licenciados dos Os Simpsons.

O inesperado acontece quando vemos um trabalhador furando os discos de DVDs no chifre de um unicórnio, fazendo alusão aos sonhos da era capitalista, geralmente associados ao acumulo de bens materiais, ou então, os sonhos destruídos desses trabalhadores, especialmente das crianças.

A utilização de elementos fantasiosos no vídeo estimula o imaginário do telespectador, mesclando uma realidade dura de ser aceitável com personagens associados ao misticismo, mitos e lucidez. "O imaginário é um reservatório de imagens, sentimentos e experiências, visões do real e lembranças que sedimentam um modo de pensar o mundo" (MOREIRA, 2005). Dessa forma, Banksy utiliza personagens fantasiosos fazendo o público

acreditar que, na verdade, eles fazem parte de uma indústria que os explora sobre condições precárias.

Por fim, o vídeo se encerra com o que seria a fachada da empresa, uma imagem da logo da 20th Century Fox com uma aparência desgastada e no meio de vários prédios industriais, lembrando o aspecto de um centro de concentração, demonstrando que a produtora do seriado é proprietária daquela "empresa", assim sendo a responsável pelas condições sub-humanas as quais os operários mostrados são submetidos. Contudo, não há dados concretos que comprovem as denúncias sobre exploração de mão-de-obra barata na Coreia do Sul, contudo, sabe-se que esta realidade é visível em países asiáticos.[12]

Nota-se que o crítico Banksy torna-se parte daquilo que é um dos alvos de suas críticas: a cultura mercadológica capitalista, e é através dela que o seu protesto é realizado. Adorno afirma que "o crítico da cultura não está satisfeito com a cultura, mas deve unicamente a ela o seu mal-estar. Ele fala como se fosse o representante de uma natureza imaculada ou de um estágio histórico superior, mas é necessariamente da mesma forma essência daquilo que pensa ter a seus pés".

**Conclusões.**

O presente artigo buscou através da análise do vídeo de abertura de um dos episódios do seriado Os Simpsons, que conta com a parceria do polêmico artista britânico Banksy, abordar a questão estética em torno dos desenhos animados. A temática abordada nos instigou pelo fato de que ainda há certa resistência em considerar produtos da indústria capitalista obras de arte, resultado de inúmeros estudos de diversas áreas que contestam os efeitos causados pela globalização Cultural.

Mostramos neste trabalho que na pós-modernidade os modelos legitimados, que antes norteavam o campo da arte, foram e estão sendo rompidos em detrimento de uma revolução estética, tal como nos mostrou Rancìere (2002), mais humanizada. Podemos

[12] De acordo com um levantamento feito por Arlindo Pinto, missionário comboniano: "As principais empresas multinacionais são responsáveis em grande parte pelo trabalho infantil. Muitas crianças estão empregadas nas grandes plantações de bananas, chá, café e de tantos outros produtos consumidos especialmente pelos países ricos do Norte do mundo. Todos conhecemos, por exemplo, uma das maiores firmas do mundo de calçado desportivo: a Nike. Na realidade, esta empresa não produz nada diretamente. A Nike desenha o calçado e entrega a sua produção a firmas geralmente de países asiáticos, como a Coreia do Sul, China, Indonésia e Tailândia que usam mão-de-obra infantil. A Nike gasta mais em publicidade do que em salários." PINTO, Arlindo. **Não nos deixam brincar**. Disponível em: <http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEuupVyEAFYOmhmCgB> acesso em: 18 Jun. 2014,

concluir a partir desse estudo que a arte está nas mãos da sociedade, ou pelo menos é assim que os indivíduos defendem, a exemplo das manifestações artísticas urbanas e midiáticas, tal como o grafite de Banksy, que cada vez mais ganham adeptos, defensores e espectadores. Presenciamos hoje um cenário onde o desenho animado, no caso Os Simpsons, antes visto como para o entretenimento, reclama o seu direito de questionar sobre a sociedade e sobre o sistema social dentro do seu próprio terreno, no caso a cultura midiática. Estamos vivendo um tempo onde percebemos as fronteiras da arte se romperem, sintoma que indica, tal como afirma Walter Benjamin[13], a promessa de um Futuro.

**Referências Bibliográficas.**

ALMEIDA, M. J. (2004). **Imagens e sons, a nova cultura oral**. São Paulo, Ano:***

ALVES, Líria. **Símbolos de segurança em laboratório**. Disponível em: <http://www.brasilescola.com/quimica/simbolos-seguranca-laboratorio.htm> acesso em: 18 Jun. 2014.

BECKER, Melissa. **Banksy: o anônimo mais famoso do mundo.** 2011. Disponível em: < http://super.abril.com.br/cultura/banksy-anonimo-mais-famoso-mundo-623045.shtml> Acesso em: 15 de Junho de 2014.

BORGO, Érico. **Os Simpsons ganha polêmica abertura por Banksy.** 2010. Disponível em: < http://mais.uol.com.br/view/zwuxgmhe6kop/os-simpsons-ganha-polemica-abertura-por-banksy-0402993570DC9983C6?types=A> Acesso em: 15 de Junho de 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo.** Td. Carlos Alberto Medeiros. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 2005.

DIÓGENES, Paulo. **Banksy: Street art para as novas gerações.** 2011. Disponível em: < http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/5899> Acesso em: 20 de Junho de 2014.

GOMES, Neusa & CASTRO, Maria. **Publicidade: um olhar metodológico.** In: Hiperpublicidade. SP: Thompson Learning, 2007.

HERSKOVIC, Chantal. **Chegando a Springfield: humor e sátira na série Os Simpsons**. 201. Disponível em < http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13855> Acesso em 20 de Junho de 2012.

[13] Apud. Rancière, JACQUES. **A revolução estética e seus resultados.** P.19. 2002. Disponível em: < http://www.revolucoes.org.br/v1/sites/default/files/a_revolucao_estetica_jacques_ranciere.pdf> Acesso em: 23 de Junho. 2014.

LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna.** Td. Ricardo Corrêa Barbosa. Ed. 12ª José Olimpo editora. Rio de Janeiro. Ano:***

MOREIRA, Lúcia Correia Marques de Miranda. **Narrativas Literárias e Narrativas Audiovisuais** In: FLORY, Sueli Fadul Villibor (org.) Narrativas Ficcionais: da Literatura às Mídias Audiovisuais. Arte e Ciência: São Paulo, 2005.

PALLAMIN, Vera Maria. **Arte Urbana**. São Paulo: Obras de caráter temporário e permanente. Ed. Annablume: FAPESP. 2000.

PINTO, Arlindo**. Não nos deixam brincar.** Disponível em: <http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEuupVyEAFYOmhmCgB> acesso em: 18 Jun. 2014

RANCÌERE, Jacques. **A revolução estética e seus resultados.** 2002. Disponível em: < http://www.revolucoes.org.br/v1/sites/default/files/a_revolucao_estetica_jacques_ranciere.p

df> Acesso em: 23 de Junho de 2014.

SIMPSONS. Produção de 20th Century Fox. (103 mim). 2010. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=DX1iplQQJTo> Acesso em: 10 de Junho de 2014.